

Jornal do
Brasil 5.2.72

SBH
Pt 122 ex 14 72/02/05
(1/2) Jornal da Brasil
C



Sérgio Buarque de Holanda

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

UM ESCÂNDALO URGENTE

UMA segunda época, por falta de frequência, na Faculdade de Direito do Rio, impediu Sérgio Buarque de Holanda, na época com apenas 19 anos, de intervir diretamente na histórica Semana.

Só quatro meses depois ele se ligou ao grupo de vanguarda paulista e tornou-se o representante da revista **Klaxon** no Rio. Hoje, analisando a Semana de uma distancia de 50 anos, Sérgio Buarque de Holanda não tem dúvidas em rotulá-la como "um escandalo necessário e, mais do que isso, urgente, naquele momento nacional de apatia e sonolência."

As origens

A idéia de organizar a Semana de Arte Moderna andou por várias cabeças. Di Cavalcanti reivindica a primazia, não contestada por ninguém. Mas Sérgio Buarque lembra que houve uma sugestão de Dona Marinete, mulher de Paulo Prado, insinuando que se fizesse no Brasil algo como em Deauville, onde se realizavam festivais de moda, concertos e pintura. Nada mais engraçado, sobretudo para os Prado, que escandalizar, literária e artisticamente, as pessoas com quem conviviam: gente da lavoura, do comércio e dos altos negócios.

— Essas festas foram preparadas com um forte componente de esnobismo e de blague, ao lado do aspecto sério dos que lutavam para renovar a estética, enxugando-a dos formulários convencionais.

SBH
Pt 122 ex 14
(2/2)

Sérgio Buarque de Holanda acha que "só em São Paulo havia condições, naquela época, para a realização desse deflagrar: além da presença de um grupo rebelde muito ativo, podia-se contar com o apoio decisivo de uma burguesia mais capacitada a acionar um esquema assim, dando à Semana o ambiente de que careciam os chamados futuristas."

— O modernismo chegava atrasado ao Brasil, já que o cubismo vinha do princípio do século na França, bem como o expressionismo na Alemanha. O futurismo, na Itália, datava de 1909. Foi preciso a I Guerra Mundial para que tudo isso se refletisse na consciência dos intelectuais brasileiros, criando um estado de espírito passível de captar as idéias que se universalizavam.

O balanço

O sociólogo considera que os mais importantes resultados da Semana de Arte Moderna de 1922 foram a renovação da língua escrita, a procura de novas técnicas de criação, a busca de motivos brasileiros e o interesse pelo Brasil.

Lembra que a palavra futurista, trazida por Oswald de Andrade em uma de suas frequentes viagens à Europa, foi usada mais para assinalar a diferença entre os rebeldes e os passadistas. O próprio autor de **Serafim Ponte Grande** não a aplicava no seu significado de marinettismo, mas sim para diferenciar o angulo construtivo das teses modernas.

— Se havia algum futurista entre os modernistas da hora inicial esse seria Menotti del Picchia, não Oswald, e muito menos Mário.

O difícil, segundo Sérgio Buarque de Holanda, é estabelecer as origens da Semana. Mário de Andrade escolheu Manuel Bandeira para o posto de São João Batista do movimento, depois que ele publicou **A Cinza das Horas e Carnaval**, em 1917, e surgiu como um precursor. Lasar Segall, na pintura, antecedeu Anita Malfatti, mas esta teria uma presença das mais marcantes entre os iniciadores, seguida de Di Cavalcanti. Sérgio Buarque de Holanda nega relevância à participação de Graça Aranha.

— Ele simplesmente aderiu à revolta e participou da Semana, a que emprestou o brilho e o prestígio dos seus títulos acadêmicos.

O modernismo foi, na opinião do sociólogo, sob a perspectiva formal, um esforço para superar o pieguismo das formulações românticas e o objetivismo do realismo físico, com o verso livre na poesia — a linguagem prosaica, falada, de T. S. Eliot — ausência das regras de métrica, suspensão da pontuação — Apollinaire — deslocamento da sintaxe, simplicidade popular — García Lorca — e a eliminação de toda forma estética de organização da palavra e da arte. Faltou — afirma Sérgio Buarque de Holanda — muita coisa ao processo de renovação, "mas o que faltou mesmo foi uma planificação mais séria às tentativas de construir."

As divergências eram muitas; os rumos, inesperados. Nós, os mais jovens do movimento, éramos chamados de meninos do Sr. Graça Aranha, como escreveu um dia o **JORNAL DO BRASIL**. **A gente**, de fato, fazia loucura sobre loucura. Molecadas sem fim à custa dos tradicionalistas, dos pró-homens do passadismo. O que a maioria fazia era, no fundo, uma grande gozação. Mas o pior, 50 anos depois, é que o beletismo prossegue vivo por aí, e a mediocridade dourada pontifica no maior caradurismo. Há quem não ficasse sabendo que houve a Semana de Arte Moderna.